

DANIEL LIN(HA)S NÔMADES

Antônio Carlos Amorim¹

DANIEL, CORTE

O sorriso e o brilho nos olhos de Daniel Lins estão presentes, como imagens-nuas, um apelo ao sentido lacunar que a obra de Betelhem Makonnen² me faz irromper.

Uma das artistas com quem acabei de finalizar um projeto de pesquisa sobre cinema experimental e as lógicas da representação³, em uma das nossas conversas sobre seu trabalho, diagrama-se em tensões nomádicas de uma Etiópia a que se vincula por nascimento e por deriva entre Brasil, Estados Unidos e África.

Uma facialização Daniel Lins, chamado aqui por seu desterro, por seu gosto ao acontecimento, pelas linhas de fuga da vida intervalar.

Minhas investigações têm uma abordagem rizomática enraizada em questões existenciais perenes. Como uma descendente de pessoas de montanha, eu sou mais uma pastora do que uma mergulhadora. O que pode parecer sob a micro-análise uma trajetória sinuosa de interesses e caminhos divergentes, quando dado o tempo e a amplitude de uma visão macro revela uma mistura experimental de interesses antropológicos, filosóficos e históricos que forneceu os materiais necessários para o desenvolvimento da minha base conceitual e da prática artística. Minhas experiências me moldaram para resistir a definições redutoras e

¹ Livre Docente no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Unicamp

² http://www.betelhemmakonnen.com/gallery-p_1.html.

³ *Para além da representação – conexões entre educação e estudos de cinema e vídeo experimentais*. (Fapesp Proc. N. 2015/256561).

estáticas da compreensão do que me implica “eu” contra você, aqui versus lá, e depois/então contra o agora. Ao invés de encontrar conforto na certeza, a minha curiosidade insiste numa linha de investigação migratória e fluida que perdura na duração da qualidade do ‘entre’ criada em contradições, lacunas e espaços de conexão. Em vez de procurar respostas, o meu objetivo é procurar continuamente mais perguntas que desconstruam conclusões preconcebidas relacionadas ao que é e ao que não é. Minha prioridade é a criação de começos contínuos ou um estado perpétuo deleuziano de devir, onde não apenas observamos o movimento de um espaço para outro, mas o mais importante, presta-se atenção ao que está acontecendo no espaço entre nós. (Tradução da Entrevista de Betelhem Makonnen).

Como nós podemos provocar uma difração ‘in natura’ enquanto ainda pertencemos a determinados espaços?

Sua proposta rizomática desloca a coincidência entre a mente e o representável. A liberdade da pastora não é concedida a priori; é, ao invés disso, conquistada gradualmente nas fissuras que (des) coincidem com o mundo e a partir das quais a distribuição de existências caem, amparam-se nas imagens.

Betelhem Makonnen devém Daniel, Lins, pela cisão de permanecer no mundo não apenas como uma adaptação vital, limitando-se a ser apenas um ‘ajuste’ ao ambiente ou mais um elemento apenas/just ambiental.

É um viver (des)coincidindo.



yous heres

Betelhem Makonnen

03:36 mins

single channel video w/sound

2016



in(to)visible intersections
Betelhem Makonnen
05:00 mins
single channel video w/sound
2016

Estimula-me a pensar suas obras em relação ao conceito de mediação / interação entre tecnologia, media e meio – e o papel do corte pela imagem estática – fotográfica ou nômade que é forte na edição dos vídeos de Betelhem Makonnen.

O corte cinematográfico poderia, então, ser pensado como o atravessamento entre espaço e tempo, importantes para se pensar a duração e, conseqüentemente, o intervalo. Uma noção de "corte" - como intervenção tanto conceitual como material no "fluxo de mídia" que tem um significado cultural - é importante para se entender o que significa ser mediado dentro do próprio processo de criação.

O corte feito na realidade em partes que podem ser montadas novamente, recriando o momento do que permanece resolutamente "falso", ou como simples aparências de movimento sem uma duração "real".

Enfim, um corte nômade que faz durar os acontecimentos.

DANIEL, *UNS-ALGUNS* ENCONTROS [DES] APRENDENTES

Um-algum professor, agenciamento que violenta algumas especificidades da relação entre signo, acontecimento e corpo.

Um-algum meio anônimo, em que as aprendizagens acontecem. Exige-nos que, ao invés de construirmos uma forma de pensar que opera na relação entre interioridade e exterioridade, entre corpo e ambiente, ou entre mente e mundo, o mais interessante seríamos pensar no encontro entre esses entes, essas corporeidades e os signos que emitem. O que isso implica? Que sairíamos de uma análise/interpretação baseada na percepção que se pautar como compreensão e entendimento da realidade, pelas vias da representação, e apostaríamos na força do encontro como potência de afecção e sensação.

Uma-alguma vidência de algumas mudanças de perspectiva: a força ativa e a reativa, na aprendizagem, não se encontrariam em lugares definidos. Isso quer dizer que ao invés de pensar em um sujeito centrado e consciente, apostaríamos em pensar em um agente ou fruto dos agenciamentos heterogêneos e em multiplicidade. Tanto as forças que emanam desse sujeito quanto as do ambiente de aprendizagem são tanto ativas quanto reativas. O exemplo do ato de nadar e da aprendizagem do nadador é ilustrativo neste caso. No encontro entre os corpos – nadador e água – há a elaboração de um campo de forças que age e reage aos signos emitidos por ambos os corpos, de modo que tanto o nadador quanto a água, violentamente, se (re)modelam. Nunca se adaptam ou se afinam harmonicamente um em relação ao outro. O que se aprende é entrar em um tipo de sintonia que reconhece, responde, age e reage aos movimentos e às pulsões dos corpos, nesse encontro. Para tanto, o conceito de signo é crucial; pois, é a partir da (não)correspondência entre o signo e o significado que uma aprendizagem 'ativa' acontece, dado que a interferência da violência da a-significação faz atravessar ambos corpos (sujeito e ambiente), alterando os modos de trabalho da percepção.

Um-algum sem juízo: signos e acontecimento ou se fazer merecedor dos acontecimentos. O que emerge dessa interação temporal na aprendizagem são algumas linhas: a) a relação com o que já se sabe ou já se conhece não é da ordem da memória que reconhece, mas de uma memória que se modula em busca de um tempo que não se atualizou, um tempo que não se fez percebido. Ao invés de tratarmos isso como um movimento de repetição do tempo e de uma diferença a ser instalada, o que vale a pena pensar é no retorno do tempo, em seu sentido de eterno, de uma

repetição de algo que seja eterno e sempre diferenciante; b) para sermos merecedores dos acontecimentos, é importante que não nos posicionemos passivamente frente a eles; a ideia de um a-gente e não sujeito é imperiosa neste caso: como nós abrimos o acontecimento naquilo que são suas potências de vida? Como agimos, não apenas reativamente, a esses acontecimentos, liberando dos seus fatos, do que é percebido como 'acontecido', a diferença? Novamente, o estudo sobre os signos e sua violência disparadora de aprendizagem vai fazendo sentido. Os signos sensíveis, da arte, colocariam os corpos em posição de serem afetados e se afetarem e afetarem o ambiente em geral. A afecção irrompe de um estado de desequilíbrio do corpo frente às forças moventes dos encontros. É como se houvesse uma descarga de energia, de eletricidade em um ponto único e dali se espalhasse para todas as demais áreas, criando uma rede, um corpo sensível e iônico, pronto para (des)(re)carregar; c) o signo exige também o retorno ao ponto de tudo se iniciar novamente. A esse retorno poderíamos chamar de aprendizagem. Sem localização privilegiada em qualquer ponto do corpo e sequer com formas de expressividade e compreensão mais aceitas, a aprendizagem diz respeito a um estado, a um momento em que o tempo efetua sua aparição ou seu prender-se ao real, mesmo que em pequenas ou imperceptíveis insinuações. Qualquer elemento 'concreto' do real pode ser a abertura para compreendermos essa efetuação do tempo na aprendizagem.

Uma-alguma sempre questão pela busca pela verdade, pelo que é verdadeiro. Não devemos entender esse princípio como se fosse a verdade algo estático ou em supremacia; ou mesmo, transcendental. Mas, que a verdade, nas situações de aprendizagem, encarna nos corpos - sujeitos e meios – configurando-a como um campo problemático, tornando-a um problema a ser pensado e a ser sentido. O verdadeiro movimento, então, de aprender é fazer dos acontecimentos um problema, é tratar os encontros entre signos e corpos como oportunidades de criação/invenção e pulsão de novos problemas ao pensamento. Distante da acomodação, da equivalência e do etapismo que marcam a aprendizagem escolar, os problemas extraem, do tempo, as verdades dos signos e suas forças vitais do sensível.

Singularidades individuantes. Impessoal. As memórias, as experiências, os deslocamentos que figuram os sujeitos para fora de sua corporeidade orgânica. *Uma-alguma* percepção sem corpo?